

Aula pela tv – a experiência de um aluno do telensino

The tv classroom - the experience of a telensino student

DOI:10.34117/bjdv7n10-346

Recebimento dos originais: 07/09/2021

Aceitação para publicação: 26/10/2021

Roberta Lúcia Santos de Oliveira

Mestre - Prefeitura de Maracanaú

Rua Capitão Valdemar de Lima, 202 – Centro – Maracanaú - CE

E-mail: profa.robertaoliveira@gmail.com

Livia Julyana G. Lira

Mestre - Prefeitura de Maracanaú

Rua Capitão Valdemar de Lima, 202, Centro, Maracanaú-CE

E-mail: liviajulyana@yahoo.com.br

Gleíza Guerra de Assis Braga

Mestre - Prefeitura de Maracanaú

Rua Capitão Valdemar de Lima, 202, Centro, Maracanaú-CE

E-mail: gleizaguerra@yahoo.com.br

Felipe Jhonantan Rodrigues da Silva

Especialista - Prefeitura de Maracanaú

Rua Capitão Valdemar de Lima, 202 - Centro, Maracanaú - CE

E-mail: felipejhonantan@gmail.com

Paulo Roberto de Freitas Braga

Especialista Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)

Av. Tristão Gonçalves, 1245 – Centro – Fortaleza - CE

E-mail: pauloroberto fb@gmail.com

RESUMO

Neste artigo recontaremos a história do Telensino nos baseando nas lembranças, memórias e recordações de um aluno recém-saído do sistema convencional de ensino e que passou a ter aulas pela televisão. A pesquisa é de natureza qualitativa com procedimentos em estudos bibliográficos e entrevista e tem por objetivo de investigar de que modo o sistema Telensino era visto por um aluno. O protagonista desta investigação é o Prof. Dr. Francisco Humberto Cunha Filho, que na época estudou pelo sistema de TV. A Televisão Educativa do Ceará – TVE foi à emissora responsável pela introdução e emissão do telensino em todo o Estado, respaldada pelo Parecer n. 760/74, aprovado pelo Conselho de Educação no dia 10 de outubro de 1974 dando a esta emissora poder para iniciar suas atividades de telensino no dia 7 de março de 1974, ano em que a TVE foi inaugurada e atendeu em primeira instância 4.139 alunos da capital Fortaleza e demais municípios do Estado, totalizando sete destes. Na entrevista com o professor Humberto Cunha foi possível notar que, para ele, era prazeroso relembrar os tempos de aluno, seus colegas e professores e que alguns fatos ocorridos nessa época e que foram vistos de certa forma, ao rememorá-los durante a entrevista, possuíam outro ponto de vista.

Palavras-chave: História da Educação, Ensino, Telensino.

ABSTRACT

In this paper we recount the history of Telensino based on the memories and recollections of a student who had just left the conventional education system and started taking classes on television. The research is of a qualitative nature with procedures in bibliographic studies and interviews, and its objective is to investigate how the Telensino system was seen by a student. The protagonist of this research is Prof. Dr. Francisco Humberto Cunha Filho, who at the time studied through the TV system. The Televisão Educativa do Ceará - TVE was the broadcaster responsible for the introduction and broadcast of teleschooling throughout the State, backed by Parecer n. 760/74, approved by the Education Council on October 10, 1974 giving this broadcaster the power to start its teleschooling activities on March 7, 1974, the year TVE was inaugurated and attended in the first instance 4,139 students from the capital city Fortaleza and other municipalities in the State, totaling seven of these. In the interview with the teacher Humberto Cunha, it was possible to notice that, for him, it was pleasurable to remember his student times, his colleagues and teachers, and that some facts that occurred at that time and that were seen from a certain point of view, when recalling them during the interview, had another point of view.

Key-words: History of Education, Teaching, Teleteaching.

1 INTRODUÇÃO

O Telensino no Ceará foi uma conquista do Governo do Estado junto à Secretaria de Educação e Cultura em prol da educação por meio da TV, constituindo-se em um sistema de ensino. O objetivo era suprir a carência de profissionais habilitados para trabalhar a educação e ações correlatas na cidade de Fortaleza e no interior do Estado. A ideia foi do Prof. Gerardo Campos, fomentada por certo pela necessidade de professores para atender a demanda de sala de aula que se configurava como um problema na educação do Estado nas décadas de 1960 e 1970, em função da quantidade de professores não ser suficiente para a prática do ensino presencial.

A implantação da TVE iniciou no ano de 1966 quando o governador do Ceará, Cel. Virgílio Távora, requereu ao Conselho Nacional de Teleeducação – CONTEL, a concessão de um canal de televisão educativa para o nosso Estado. Tal solicitação foi atendida no mês de abril de 1970.

De acordo com Bodião, (1999), parece oportuno assinalar que a intenção de dotar cada estado brasileiro de uma emissora de televisão mantida sobre o controle estatal, foi uma medida de caráter exclusivamente político e que as motivações não foram, essencialmente, educativas. Dentro desse espírito é que deve ser entendida a iniciativa do, então governador do Ceará, Coronel Virgílio Távora que, em março de 1966, através do

processo 11.298/66 solicitou ao CONTEL um canal para operação do que seria uma TV educativa par ao estado do Ceará.

Dada a inconsistência entre o aspecto político e pedagógico com a implantação do Telensino, uma vez que este representou muito mais que uma ferramenta de subsídio ao processo de ensino e aprendizagem, dado que em sua vigência representava o uso de tecnologias em prol da educação. Assim, existe outra vertente que burlava o papel do professor, absorvendo aquilo que é inerente ao seu papel principalmente no que é concernente à sua autonomia quanto ao planejamento e condução das aulas o que provocava uma certa rigidez no processo de ensino.

Logo, esse planejamento pronto e acabado tem um sentido político, pois uma vez que o professor não planeja suas aulas fica entregue aos caminhos estabelecidos pelas classes dominantes (LIBÂNEO, 1992). De fato, o autor chama atenção das consequências para qualidade do ensino ofertado e para o trabalho do professor, o que configura a função social da escola.

1.1 O TELENSINO PELA ÓTICA DE UM ALUNO

Neste artigo recontaremos a história do Telensino nos baseando nas lembranças, memórias e recordações de um aluno recém-saído do sistema convencional de ensino e que passou a ter aulas pela televisão.

Quanto à memória como fonte está respaldada em Bosi:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (1994, p. 47).

O estudante em questão é Professor Doutor Francisco Humberto Cunha Filho, professor titular da Universidade de Fortaleza, onde ministra aula nos Cursos de Mestrado e Doutorado em Direito. A entrevista ocorreu no dia 01 de abril de 2014, em seu gabinete na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Com base em Polak et. al. (2011, p. 46) quando afirmam ser a entrevista “[...] uma técnica utilizada para obtenção de informações, na qual há dois atores distintos: o entrevistador e o entrevistado. O primeiro é o responsável pela abertura do diálogo e o segundo, pelos dados obtidos mediante resposta”.

Humberto Cunha era aluno da quinta série do primeiro grau na Escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima. Ele foi aluno do Telensino durante o período de 1976 até 1979. Fez da quinta a oitava série pelo sistema. Ao terminar o 1º grau, entrou para a Escola Técnica, hoje denominada de Instituto Federal do Ceará.

Ao ser questionado se ele, enquanto aluno, enxergava diferenças entre o ensino convencional e os de aula pela televisão, ele respondeu da seguinte forma:

Minha situação de estudo talvez seja peculiar porque eu sou do interior de Quixadá e as minhas primeiras letras aprendi em casa. Em casa mesmo, minha avó me ensinava. Aí quando cheguei em Fortaleza, aí eu fiz um teste para saber em qual ano do ensino regular em me enquadrava. Peguei terceira série, não me lembro se era série ou se era terceiro ano. Aí fiz terceiro e quarto na escola São José, no sistema regular, e da quinta a oitava fiz na Escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima, conhecida como Seminário, que era o sistema de televisão. Então eu já tinha o costume de estudar por meios alternativos. A minha lembrança do sistema de televisão é de uma aula dinâmica, participativa, cheia de eventos curiosos durante todo o período. E de fato a gente percebia que o orientador ele não sabia tudo, e às vezes era até fraco em determinada disciplina que possibilitava que determinados alunos se destacassem e se transformassem em líderes naquela disciplina. Então, era um sistema que eu achava dinâmico e bom. Essa é minha lembrança.

Depois, questionamos se Humberto Cunha sentiu alguma dificuldade ou impacto ao deixar de ser aluno do sistema Telensino e para ser da escola regular, no caso a escola técnica. O mesmo afirmou que,

Não, eu acho que o sistema me deu autonomia na investigação, então, quer dizer, eu já tinha uma estrutura que possibilitava, era uma estrutura a mais difícil, então, se era a mais difícil ficou mais fácil a convivência no sistema convencional.

Um dos pilares do Telensino era a autonomia do educando. Para o sistema, o estudante era responsável pela sua própria aprendizagem. Após as aulas os alunos se reuniam em grupos para discutir o texto.

Outro ponto abordado foram as avaliações, porque eram feitas quatro tipos de avaliação. Eram quatro as avaliações que alunos faziam, são elas: a Ficha de Avaliação Integrada – FAI, o Manual de Apoio, a Autoavaliação e o Desempenho. Campos detalha melhor esse assunto quando afirma que:

[...] Assim, a avaliação foi pensada e estruturada partindo, não só dos objetivos expostos no plano de curso e na ficha de emissão, mas também da associação da área cognitiva, afetiva e motora através dos seguintes elementos: Ficha de Avaliação Individual (FAI), Manual de Apoio, AutoAvaliação e Desempenho que resulta da proporcionalidade do crescimento do aluno em termos de assimilação de conteúdo, de

participação, esforço, relacionamento e produtividade observados pelo orientador de aprendizagem com vistas à formação de um diagnóstico das condições cognitivas, afetivas e motoras do aluno [...] (1983, p. 54).

Segundo Silva e Dias (2003, p. 118), “a FAI era uma ficha que, no início do Telensino, chegava impressa à unidade escolar por intermédio das supervisoras de campo. [...] A FAI tinha como objetivo medir os conhecimentos cognitivos dos telealunos, desenvolvidos e estimulados por meio dos conteúdos dos módulos e do manual de apoio”.

A segunda e terceira avaliação cabiam aos orientadores de aprendizagem aplicar, pois eles deviam acompanhar e avaliar os estudantes por meio do Manual de Apoio e pelo desempenho. O registro do desempenho dos alunos tinha por objetivo apontar o progresso da aprendizagem do telealuno, tendo como referência a participação, o relacionamento e a criatividade.

Os testes do manual de apoio eram testes que também avaliavam as unidades de estudo e os módulos. Entretanto, contavam com a participação do orientador de aprendizagem na sua elaboração, antes da emissão pelo vídeo. (SILVA e DIAS, 2003, p. 118).

O Manual de Apoio era um documento adicional da aprendizagem do discente, onde eram anotados os resultados de sua atividade individual e em grupo. Disponha de exercícios de fixação e de avaliação do rendimento escolar. Englobava as três áreas da aprendizagem: cognitiva, afetiva e motora.

Perguntamos se na autoavaliação os alunos eram sinceros ao se avaliarem. Sobre isso, Humberto Cunha respondeu:

Na época eu tinha excelente formação assim, vou dizer, cristã, que mentir era feio. Então, quer dizer, a autoavaliação é provável que ela fosse mais é... se ela fosse infiel seria em prejuízo da... em prejuízo próprio, né. Porque eu não me comparava com os demais, mas com o ideal, né. Você tá entendendo como é que é? Tinha uma ideia do que fosse o melhor possível e eu me avaliava não pelo que eu percebia pela média da minha turma, mas por aquilo que eu desejava alcançar. Mas era assim, uma busca de honestidade, pelo menos da minha parte.

Durante a entrevista falamos sobre a indisciplina. Queríamos saber como era a questão da indisciplina/disciplina em sala de aula no Telensino. O mesmo informou o seguinte: “Me lembro. As minhas turmas eram, na média, muito bem disciplinadas. Tinha, aqui e acolá alguma confusão própria da pré-adolescência, mas, no mais era um pessoal empenhado, estudioso com os desvios padrões normais.”

A equipe de supervisão do Telensino criou um programa definido de Pombo Correio. Por meio deste sistema os alunos e orientadores enviavam cartas, mensagens ou dúvidas para a supervisão. Era de interesse da supervisão que existisse interação entre os estudantes e eles. Sobre esse programa Humberto Cunha relatou:

Não, eu não mandei, não me lembro. Agora eu me lembro que havia canais, canais de comunicação, que eram bem mais difíceis do que ..., até telefone era difícil, né, era objeto de luxo. Poucas casas na minha rua tinham telefone. [...] Pois é, então eu me lembro de ter participado uma vez de uma reunião na própria TVC, fora isso, eu percebia o esforço de estabelecer contato interativo entre os alunos e os produtores da televisão.

Por meio deste sistema os alunos e orientadores enviavam cartas, mensagens ou dúvidas para a TV Educativa, garantindo, assim, uma ligação entre a equipe de supervisão e os estudantes e orientadores. Muitas dessas cartas eram respondidas ao vivo. Quando não, eram separadas por assunto e discutida em reuniões dos supervisores e orientadores. De acordo o depoimento de uma ex-supervisora.

[...] A gente fazia essa interação pelas cartas, pelos correios que os meninos queriam e por um programa chamado Pombo Correio, que o orientador que também não sabia, às vezes ele mandava dizer, então aqueles professores lá, que eram professores da universidade tiravam as dúvidas e vinha no programa ou respondendo as cartas que vinham pessoalmente para o professor (CAMPOS, 2000 apud SILVA e DIAS, 2003, p. 120).

Alguns autores criticam o Telensino seja falando da indisciplina seja questionando a desvalorização do docente. Procuramos saber do Sr. Humberto Cunha se ele, enquanto aluno do sistema, tinha alguma crítica a fazer. O mesmo afirmou que:

Olha, hoje é... é o seguinte, a convivência com a turma com a qual eu convivi se saiu muito bem. Tem militares, professores universitários, tem advogados, juiz. Então, quer dizer, não sei se você tá procurando só as pessoas que né. Não é que todas tenham saído assim, mas eu sei que na convivência que eu tive eu não tinha uma dimensão de criticidade. [...] Como talvez eu tenha hoje, mas...e se estabelecia um afeto muito grande. Me lembro que uma orientadora de ensino de uma determinada série, ela gostou tanto da turma que ela foi pra outra série junto conosco. A turma era única, quase todos os alunos ficaram da quinta a oitava. Então tinha, não sei se é uma peculiaridade da minha turma, mas era uma turma muito boa, o sistema era muito interessante, nos possibilitou aprendizado. Eu saí de lá para a Escola Técnica Federal do Ceará, que hoje é o IFCE. Na época era muito difícil, talvez hoje ainda continue no mesmo padrão em termos de dificuldade, quer dizer, habilitou em termos de conteúdo, não apenas em termos de ludicidade, mas em termos de conteúdo, para a formação. Então, eu não tenho condições de fazer uma crítica negativa, né?

Outro fator inquirido ao professor Humberto Cunha foi sobre se havia a interferência do governo nas aulas, ou seja, se havia censura e se ele lembrava de algum episódio que constatasse tal procedimento. Ele nos informou que hoje consegue enxergar que alguns conteúdos eram repassados de maneira tendenciosa.

Mas assim havia o engajamento ao ufanismo, ao regionalismo forte, os professores tinham alguns receios com alguns conteúdos. Eu me lembro de coisas desse tipo. Então não passava ao largo uma certa cautela com o tempo. Quando se estudava coisas relacionadas, hoje que eu compreendo, relacionadas à guerra fria era completamente tendenciosa. Então tinha sim, isso aí eu me lembro, mas isso fazendo uma leitura agora daquela época. Na época, assim, a gente talvez percebesse como euforia, mas hoje a gente sabe que era um ufanismo às vezes até gratuito e distanciador da realidade. Se é o país que vai pra frente, o milagre econômico, essas coisas. Mas tinha sim um certo, os tempos exibiam essas marcas, né. Por exemplo, que a televisão foi professora e você via não só a TVC, via as outras depois. E via, por exemplo, o certificado da censura antes de iniciarem-se os programas. Então tinha, na leitura da época eu era criança, mas olhando deste momento pra lá, sim.

Solicitamos que Humberto Cunha nos descrevesse a dinâmica de uma teleaula da maneira como ele lembrava. São suas palavras:

Começava com uma novelinha local, me lembro dos nomes de algumas como Caju Futebol Clube. [...] Pindorama, se não me falha a memória. Aí a gente depois se reunia e ia reproduzir as cenas ou refazer as cenas; depois tinha aula de conteúdo específico: de matemática, português, história passava na TV; e depois a gente lia o manual de apoio; e depois debatia, encenava. Tinha muita encenação, muito estímulo a dramaturgia, por assim dizer, não como finalidade artística, mas como meio pedagógico e depois se debatia a aula, respondia. Tinha provas na própria TV e depois correção. São essas coisas que eu me lembro.

Questionamos se Humberto Cunha tinha dificuldade em alguma disciplina, ele nos disse o seguinte:

Eu era um bom aluno, sabe. Eu me destacava mais em matemática. [...] Que é o terror de todo mundo. Eu e outro colega éramos, praticamente, os professores de matemática. E eu gostava muito das disciplinas, não me lembro de uma dificuldade maior, não.

Após citarmos que algumas pessoas tinham preconceito quanto ao Telensino, encarando-o como um ensino de segunda categoria, questionamos o que Humberto Cunha achava sobre o ensino pela televisão; se ele o encarava como um ensino de segunda categoria.

Não, porque eu acredito no autodidatismo. Eu digo não e na fase, no período que eu frequentei. Eu achava bom, achava muito bom. E me deu boa estrutura. Agora repito, eu já tinha assim uma predisposição, inclusive por formação

originária, familiar de ter autonomia nos estudos. Mas isso não aconteceu só comigo. Essa minha turma, muita gente se saiu bem.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas recordações de Humberto Cunha, o Telensino era bom, a aula era “dinâmica, participativa, cheia de eventos curiosos durante todo o período”. E se por algum motivo o orientador de aprendizagem não dominava determinado conteúdo, isso dá a oportunidade ao aluno de se destacar e se tornar líder na disciplina.

Questionado se sentiu alguma dificuldade ao deixar de ser aluno do Telensino para ser aluno da Escola Técnica, sua resposta foi que o sistema possibilitou que ele se tornasse um estudante autônomo. Outro ponto abordado foi a disciplina/indisciplina e que, segundo ele, ocorria uma indisciplina normal de alunos pré-adolescentes, mas nada que prejudicasse as aulas. Ele afirmou também que sua turma era muito unida, todos cursaram as quatro séries juntos e ainda hoje mantém contato.

Sobre a interferência do governo nos conteúdos e nas aulas ele afirmou que havia um empenho ao ufanismo e que os professores tinham uma preocupação com alguns conteúdos, principalmente os de história. E que era exibido o certificado da censura antes do início das aulas.

Na entrevista com o professor Humberto Cunha foi possível notar que, para ele, era prazeroso lembrar os tempos de aluno, seus colegas e professores e que alguns fatos ocorridos nessa época e que foram vistos de certa forma, ao rememorá-los durante a entrevista, possuíam outro ponto de vista.

REFERÊNCIAS

BODIÃO, Idevaldo da Silva. **Estudo sobre o cotidiano das classes do Telensino de uma escola da rede pública do Ceará.** (Tese) Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, José Gerardo. **Televisão – objeto de ensino para uma educação de sujeitos – análise de uma experiência.** (Dissertação) Mestrado em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1983.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1992.

POLAK, Ymiracy N. de S., DINIZ, José Alves, POLAK JR. Pedro Ivo. **Estrutura e organização do trabalho científico.** In: POLAK, Ymiracy N. de Sousa, DINIZ, José Alves e SANTANA, José Rogério. Dialogando sobre metodologia científica. Fortaleza: Edições UFC, 2011. (Coleção Diálogos Intempestivos, 104).

SILVA, Patrícia Targino e DIAS, Ana Maria Iório. **Reflexões sobre a avaliação no sistema de Telensino.** In: BRANDÃO, Maria de Lourdes Peixoto e DIAS, Ana Maria Iório (Orgs.). Imagens distorcidas: atualizando o discurso sobre o Telensino no Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.